

Quando o som sagrado despertou o mundo

O temível deus asteca do céu e da noite, Tezcatlipoca, passeava pelas planícies silenciosas de uma terra muda e desolada. Em todos os lugares em que olhava, havia uma monotonia entorpecente, nascida de um silêncio vazio. Homens e mulheres cuidavam de suas vidas, passando de um dia para o outro sem alegria, prazer ou um propósito maior. Não havia risos, canto de pássaro, nem mesmo a tagarelice dos insetos. Tudo parecia apenas existir, e neste silêncio abafado, ninguém se lembrava dos deuses.

Essa situação já dura tempo demais. Chegou a hora de reparar isso, decidi Tezcatlipoca. Ele era, afinal de contas, o deus do céu, o que tudo-vê, o visionário. Ele sabia exatamente o que havia atormentado a Terra e o que precisava ser feito — e não, aquilo não seria fácil.

Conforme ele se enfurecia, as listras pretas em seu rosto pulsavam com tanta força que vincavam o firmamento em tons de cinza e azul melancólicos. *Onde está Quetzalcoatl, o deus do vento, quando a gente precisa dele. Sua habilidade de se mover como ninguém é crucial para o meu plano de resgatar a Terra de sua mudez sombria! Sem dúvida, ele está ocupado agitando os oceanos nessa época de furacões,* Tezcatlipoca ponderou impacientemente.

Mas, bem naquele momento Quetzalcoatl apareceu de detrás das nuvens em todo seu esplendor emplumado e serpentino, e pousou soltando um poderoso rugido, sacudindo suas penas molhadas e tirando Tezcatlipoca de seu devaneio.

— Isto foi realmente necessário? — O deus do céu perguntou, com seus olhos pretos e salientes faiscando.

— Veja só, Céu. Tenho andado bem ocupado agitando as ondas. Então, para que você me convocou? Se não for urgente, simplesmente terei que me encontrar com você mais tarde.

— Vento, você me parece convencido demais! Agora, pare com essa turbulência e me diga o que você ouve — suspirou o deus do céu.

Quetzalcoatl esticou suas orelhas emplumadas.

— Eu não ouço absolutamente nada! — exclamou.

— Exatamente! Nada! Nem uma nota melódica se faz ouvir. Nenhum doce som para agradar o coração. E nenhuma canção para nos reverenciar e louvar.

Os olhos de Tezcatlipoca se arregalaram conforme ele perscrutava o horizonte à sua frente e dizia:

— O mundo precisa da semente da música para atizar todos os elementos, para que eles despertem e vicejem!

— Sim, você está absolutamente correto, Céu. Mas o que podemos fazer para que isso dê certo?

— Vento, você acreditaria em mim se eu lhe dissesse que Tonatiuh, o deus do sol, tem uma casa cheia de músicos celestiais que tocam para ele do amanhecer ao anoitecer? Como a vida dele deve ser diferente! Que alegre e serena! No entanto, ele se recusa a compartilhá-los conosco — disse Tezcatlipoca.

— Não vai compartilhar? Como ele se atreve a ser tão egoísta! — concordou Quetzalcoatl.

— De fato! Preciso que viaje até a casa do sol e traga seus melhores músicos e instrumentos divinos de volta para a Terra. Lembre-se, precisamos acordar o mundo. Isso *tem que* acontecer. Precisamos de música — declarou Tezcatlipoca.

De um salto, o deus do vento estava em posição de sentido.

— Não precisa dizer mais nada, Céu! Só me diga o que fazer. Seu pedido é uma ordem e eu vou trazer esses músicos para a Terra.

— Então preste muita atenção. Para que ao menos chegue até o Sol, você precisa chamar meus assistentes confiáveis e habilidosos — a Baleia, a Mulher-Água e a Tartaruga. Eles poderão fazer uma ponte que permitirá que você atravesse tanto o reino terrestre como o celestial — explicou Tezcatlipoca.

Em um instante, o Vento já estava na beira do mar. Lá ele convocou os três ajudantes mágicos, ordenando-lhes que tecessem uma ponte robusta até o céu. Com seus poderes sobrenaturais, os três espíritos entrelaçaram suas formas para criar uma corda muito forte. Então a corda espiralou e se expandiu além das nuvens e alcançou uma altura enorme. Transformou-se numa ponte inquebrável que se estendia na direção do sol.

Com um grito de satisfação, o deus do vento começou a subir em direção aos céus. Usando a ponte para guiá-lo, voou para cima, logo chegando ao topo. Ele podia ver os portões luminosos da casa do deus sol à distância. No entanto, chegar lá não era fácil. Paredes altas, retorcidas como um labirinto, pareciam fazê-lo andar em círculos.

Então o vento fez uma pausa. Naquele momento de quietude, ele ouviu um som místico — uma harmonia que era tanto suave como vibrante, leve e forte, plena e ressonante. Ele nunca se sentiu tão vivo. Cada poro do seu ser despertou. O som o atraiu para dentro de si, mas também o fez sentir-se

parte de tudo ao seu redor! Era como se tivesse descoberto a canção melodiosa que parecia ser subjacente ao próprio universo. Quetzalcoatl resplandeceu com sua própria clareza interior e assim, o labirinto que havia bloqueado sua passagem desapareceu instantaneamente! Com uma grande certeza interior, ele voou direto para o santuário radiante do deus sol.

E, no grande pátio iridescente de Tonatiuh, lá estavam os músicos que eram a fonte daquela música cativante. Harmonias requintadas surgiam dos flautistas vestidos de amarelo ouro, os menestréis andarilhos que vestiam azul da cor do céu, os cantores de canções de ninar que usavam um branco suave, e os cantores de canções de amor em vermelho vibrante. Sua música brilhava com devoção e profundo amor pelos deuses. Tudo o que Quetzalcoatl viu e ouviu desses músicos expressava luz, alegria e vida.

Oh sim, é exatamente isso que a Terra precisa, pensou Quetzalcoatl. Inspirado e determinado, ele começou a cantar sua própria canção, buscando atrair os músicos em sua direção. Ele cantou sobre compaixão e amor, gratidão e misericórdia, bondade e generosidade com uma voz cheia de esperança e anseio. Ouvindo o refrão de Quetzalcoatl, Tonatiuh sacudiu sua crina de penas de beija-flor e cerrou os punhos de suas mãos com garras de águia. Ardendo de raiva, ele saiu de seu santuário para o pátio e rapidamente mandou seus músicos silenciarem. Ele os preveniu para o fato de que caso algum deles atendesse ao chamado tentador de Vento, eles seriam roubados de seu recanto quente e ficariam presos para sempre nas garras frias e escuras do mundo de Quetzalcoatl.

Apesar de seus alertas, alguns dos músicos acharam que a canção de deus do vento era totalmente melodiosa e encantadora, e resolveram atendê-lo. À medida que se moviam para seguir, eles levavam consigo todos os seus instrumentos divinos — como o *tlapizalli*, a harmoniosa flauta de múltiplas câmaras e os tambores chamados de *huehuetl* e o *teponaztli* que despertava coragem e valor em seus ouvintes.

Quetzalcoatl conduziu os músicos na direção da ponte mágica. Seguindo seu caminho brilhante, eles foram caindo em cascata, como uma graciosa cachoeira, pronta para saciar a perpétua sede do mundo.

A Terra sentiu sua chegada e suspirou de alívio. Quetzalcoatl aterrissou com um gentil floreio de suas asas e observou com satisfação conforme os músicos desembarcavam em sua nova casa. Em seguida agradeceu efusivamente os engenhosos construtores da ponte por seu serviço.

Os músicos, com olhos arregalados de admiração, andavam por essa terra estranha, absorvendo o curioso silêncio do mundo. Então abraçando seus instrumentos, começaram a tocar notas musicais lentas e ternas. Os cantores elevaram suas vozes em canções divinas. Suas primeiras notas se moveram através do silêncio da terra, da água e do ar. Melodias saltitantes, puras e harmoniosas, fluíram de um lado da Terra para o outro e envolveram tudo em sua doce ressonância.

Os rios que haviam fluído em silêncio, por eras, agora borbulhavam com alegria e balbuciavam para as margens. As margens úmidas do rio chamavam amorosamente as árvores. As árvores sacudiam suas copas sonolentas, desenrolando um milhão de folhas que deslizavam e balançavam ao ritmo das melodias outorgadoras de vida. Os pássaros irrompiam em um milhão de canções, as flores desabrochavam perfumadas, atijando as valorosas abelhas com seu doce néctar, e as borboletas começavam a usar cada uma das cores do arco-íris!

Um por um, os animais da Terra descobriram seu próprio som. Os elefantes barriram majestosamente, os leões rosnavam e ronronava, os lobos uivavam triunfantes. Do maior ao menor, cada criatura emprestou sua voz cintilante, sincopada, percussiva, misteriosa e alegre voz familiar, ao som da Terra que despertava.

E quanto aos humanos, eles também descobriram sua doçura e harmonia. Suas canções retiniam, repletas de alegria e gratidão pelo som outorgador de vida que os havia regenerado e inspirado. Eles cantaram e dançaram em louvor aos deuses pela magnificência da água e do fogo, do som e do silêncio, a escuridão da noite e a luz cintilante do dia.

Desde então, a música se tornou a linguagem universal da alma, que inspira amor, esperança, graça e gratidão. E encravado em cada nota melódica está o som sagrado que deu origem à eterna sinfonia que nutre a vida na Terra.



© 2020 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

Esta história é inspirada em um conto folclórico asteca.